

Desafios do ensino a distância e a humanização

Challenges of distance learning and humanization

Frederico da Silva Cesário ¹

José Ricardo Martins Machado ²

Resumo

Este artigo analisou os desafios, impactos e perspectivas da educação a distância (EaD). Abordou a adaptação dos sistemas educacionais, a formação docente, as desigualdades digitais e o papel das tecnologias na consolidação do ensino remoto. A reflexão se estende à influência da cibercultura sobre a pedagogia contemporânea, destacando a necessidade de humanização do processo educativo mesmo em ambientes virtuais. Por meio de revisão bibliográfica e análise teórica, o estudo propõe uma compreensão crítica sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação e a construção de um modelo educacional mais inclusivo, equitativo e significativo, capaz de atender às novas exigências da sociedade digital.

Palavras-chave: Educação a distância. Pandemia. Tecnologias digitais. Cibercultura. Inclusão educacional.

Abstract

This article analyzes the challenges, impacts, and prospects of distance learning (DE). It addresses the adaptation of educational systems, teacher training, digital inequalities, and the role of technologies in consolidating remote learning. The reflection extends to the influence of cyberculture on contemporary pedagogy, highlighting the need to humanize the educational process even in virtual environments. Through a literature review and theoretical analysis, the study proposes a critical understanding of the use of Information and Communication Technologies and the construction of a more inclusive, equitable, and meaningful educational model capable of meeting the new demands of the digital society.

Keywords: Distance learning. Pandemic. Digital technologies. Cyberculture. Educational inclusion.

1 INTRODUÇÃO

A educação a distância tem experimentado um crescimento sem precedentes nas últimas décadas, impulsionado principalmente pelos avanços tecnológicos e pela globalização. O acesso à informação e ao conhecimento deixou de ser privilégio de poucos e se tornou uma realidade cada vez mais acessível a milhões de pessoas em todo o mundo. Nesse contexto, a educação a distância se apresenta como uma alternativa viável e flexível para aqueles que buscam adquirir habilidades e conhecimentos sem as restrições geográficas e temporais impostas pela educação presencial.

1 Doutorando do Centro Integrado de Pesquisa Integralize C.I.P.I. e-mail:fredericoesario@yahoo.com.br

2 Orientador do Centro Integrado de Pesquisa Integralize C.I.P.I. e-mail:profj.ricardo@hotmail.com

Apesar das vantagens indiscutíveis da educação a distância, sua implementação e desenvolvimento enfrentam inúmeros desafios e barreiras que devem ser enfrentados e superados para garantir a qualidade e a eficácia do processo de ensino e aprendizagem. Esses desafios incluem aspectos relacionados à infraestrutura tecnológica, formação de professores, metodologia de ensino, motivação e engajamento dos alunos, avaliação, bem como a inclusão de populações vulneráveis e marginalizadas.

Um dos principais desafios da educação a distância é garantir a qualidade e a eficácia do processo educacional em ambiente online. À medida que a oferta de programas de educação a distância aumenta, é essencial estabelecer critérios e padrões de qualidade que garantam o rigor acadêmico e a relevância do conteúdo e das metodologias de ensino utilizadas. Nesse sentido, é essencial desenvolver e implementar sistemas de avaliação que permitam mensurar e comparar os resultados da aprendizagem online com os da educação presencial.

A formação de professores é outro aspecto fundamental para superar as barreiras à aprendizagem online. Os professores devem adquirir novas competências pedagógicas e tecnológicas para se adaptarem aos ambientes virtuais de ensino e aprendizagem e serem capazes de conceber e implementar estratégias de ensino eficazes que respondam às necessidades e características dos alunos online.

Além disso, é importante promover a formação contínua e o desenvolvimento profissional dos professores na área da educação a distância, a fim de garantir a atualização e o aperfeiçoamento constantes das suas competências e práticas pedagógicas. Em relação aos alunos, manter a sua motivação e o seu envolvimento num ambiente virtual de aprendizagem é um dos desafios mais significativos a enfrentar.

A falta de interação presencial e a presença física de professores e colegas de turma podem dificultar a construção de um sentimento de pertença e de ligação emocional, o que pode impactar negativamente a motivação e o envolvimento dos alunos. Para superar essa barreira, é crucial desenvolver estratégias pedagógicas que promovam a interação, a colaboração e o apoio mútuo entre os alunos, bem como oferecer recursos e serviços de apoio acadêmico e emocional adequados.

Acessibilidade e inclusão são outros aspectos importantes a serem considerados no desenvolvimento e na implementação de programas de educação a distância. É essencial garantir que pessoas com deficiência, populações vulneráveis e marginalizadas e aquelas que vivem em áreas rurais ou remotas tenham igualdade de oportunidades de acesso e participação na educação a distância.

Para tanto, é necessário abordar as barreiras tecnológicas, econômicas, culturais e sociais que podem dificultar a inclusão desses grupos no ensino online. Adaptar metodologias de ensino ao ambiente virtual é outro desafio no ensino a distância.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Pandemia de Covid-19 e Educação

Em março de 2020, quando a Covid-19 se tornou globalmente presente após a Organização Mundial da Saúde (OMS) declará-la uma doença e, conseqüentemente, uma pandemia que abalou todas as esferas e camadas sociais, o medo social generalizado se fez sentir em todos os cantos, gerando preocupação com a saúde pública, forçando os Estados a agirem em conformidade, fechando não apenas fronteiras, mas também locais de trabalho, empresas, repartições públicas e, claro, escolas, onde as medidas preventivas foram ainda mais intensificadas, já que professores e alunos foram os primeiros a buscar o confinamento voluntário, transformando drasticamente todas as dimensões da vida privada e social. (PARRAS; MASCIA, 2022).

Os impactos que a COVID-19 começou a ter na população global, combinados com as condições pré-existentes, levaram a maioria dos países a recorrer ao distanciamento social e ao confinamento domiciliar, uma quarentena voluntária. As medidas governamentais para preservar a saúde pública também recorreram ao uso da força para garantir o controle e a proteção da população. (MOREIRA; *et al.*, 2024).

Na busca por manter esse controle, um discurso de pânico e ansiedade se espalhou pelo mundo, visto que organizações e instituições epidemiológicas desconheciam inicialmente as características e condições sob as quais o coronavírus poderia se espalhar e, assim, causar infecções em massa. Tanto que, no campo educacional, a emergência levou inicialmente ao fechamento de instituições de ensino públicas e privadas em mais de 190 países para evitar a disseminação do vírus. (PARRAS; MASCIA, 2022).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) registraram que mais de 1,2 bilhão de estudantes de diferentes níveis educacionais abandonaram as aulas presenciais, aguardando uma modalidade específica para substituir suas aulas presenciais. No entanto, o aspecto mais complicado dessa situação não foi a espera por uma nova modalidade virtual que resolvesse o problema da continuidade do processo de ensino e aprendizagem, mas sim a enorme desigualdade social e econômica prevalecente na maioria dos

países, principalmente nos países subdesenvolvidos, como na América Latina e no Caribe. (DIAS, 2021).

Isso expôs a crescente exclusão digital, que, em última análise, revelou que o ensino a distância não era a solução para todos, pois nem todos tinham acesso à internet, a dispositivos inteligentes e a tecnologias que lhes permitissem acompanhar os professores e seus conhecimentos online. Além disso, não tinham sequer um espaço para continuar aprendendo e estudando. (PARRAS; MASCIA, 2022).

Portanto, era um tanto ilógico falar em continuidade dos processos educacionais quando a maioria dos lares não tinha e não tem eletricidade ou espaços decentes para se reunir dentro de casa, quando não havia comida para as crianças que recebiam o café da manhã escolar, quando a falta de oportunidades de emprego — agravada pela pandemia — não permitia o acesso ou a compra de equipamentos de informática e dispositivos inteligentes. (MOREIRA; et al., 2024).

Abordar a existência do ensino a distância de forma generalizada seria afirmar que a oportunidade de usar plataformas digitais e conectividade à internet está disponível para todas as comunidades estudantis e que a continuidade da aprendizagem foi abordada pelos Estados, resolvendo o problema da cobertura digital e as desigualdades econômicas que afetam os mais excluídos. (PARRAS; MASCIA, 2022).

Além disso, o confinamento de alunos e professores em suas casas os obrigou a responder às demandas emergentes. Tornou-se necessário repensar o planejamento de conteúdos teóricos e práticos, ou seja, ajustar a metodologia dos processos educacionais, redesenhar materiais, currículos, formatos e ferramentas de ensino. Também foi necessário abordar outros aspectos para prevenir a evasão escolar: a saúde mental dos alunos.

Assim, Parras e Mascia (2022) explicam que a maior implementação de novas ferramentas de trabalho e treinamento no uso das TICs no ensino em diferentes níveis, juntamente com o apoio sócio emocional que alunos e pais deveriam receber, tornou-se uma constante na dinâmica pedagógica da formação de professores durante a pandemia. Da mesma forma, outro elemento que foi decisivo no trabalho pedagógico foi o fator tempo, uma vez que a necessidade de ajustar as condições ao escopo da educação a distância veio aumentar as responsabilidades docentes, aumentando significativamente as demandas e os tempos de trabalho não apenas para ministrar sessões e conhecimentos, mas também para preparar material para compartilhar virtualmente, revisar conexões, acompanhar cada aluno e suas próprias condições para continuar no processo, ao mesmo tempo em que teve que equilibrar os

tempos de trabalho doméstico, levando em consideração que a maioria dos professores são mulheres.

2.2. Salas de Aula Virtuais e Professores

Almeida, Cantuária e Goulart (2021) dizem que a educação a distância tem hoje uma relevância que talvez nunca tenha tido antes. A influência das tecnologias da informação e comunicação (TICs) a posicionou em uma posição de maior vantagem em relação às mídias tradicionais, como a televisão e o rádio, que eram os canais ideais para o funcionamento das escolas de ensino médio a distância na década de 1970.

Dentro de uma perspectiva educacional as novas tecnologias vão ganhando cada vez mais importância no século XXI, utilizada como ferramenta multidisciplinar tem como utilidade facilitar o acesso do aluno ao conhecimento. Esta nova fase proporciona uma nova oportunidade de uma revisão metodológica e de uma ressignificação do papel do professor nesse sistema escolar. A inserção das tecnologias de informação pode contribuir para a construção da Escola, sobretudo que se construam novas estratégias pedagógicas habilidades e competência de forma a acompanhar estas transformações. (ALMEIDA; CANTUÁRIA; GOULART, 2021, p. 303).

As TICs permitem acesso a conteúdo praticamente ilimitados, abertura e conexão a conversas virtuais entre múltiplas pessoas, diversas ferramentas e processamento de dados, que determinam a qualidade e a quantidade de informação entregue aos alunos. Assim, novos espaços estão surgindo com a liberdade de organizar o tempo de estudo, com a contribuição da internet servindo como base para o processo de ensino e aprendizagem, gerando redução de custos em alguns aspectos envolvidos, personalizando o processo de aprendizagem para quem utiliza essa modalidade, com a vantagem de ter acesso permanente aos materiais didáticos suportados por plataformas virtuais para benefício dos usuários. (MOREIRA; et al., 2024).

As salas de aula virtuais de hoje são os novos campos de aprendizagem onde os alunos constroem, buscando responder às diferentes representações educacionais que a aprendizagem presencial proporcionava, como o enriquecimento educacional ou o serviço comunitário e a prática profissional no caso do ensino médio e superior. (ALMEIDA; CANTUÁRIA; GOULART, 2021).

Arruda e Siqueira (2020) dizem que não há dúvida de que os atores sentiram a necessidade premente de estabelecer alternativas para a conclusão dessas disciplinas, entendendo, é claro, que os resultados não serão os mesmos. Essa aceitação levará à

implementação de estratégias pelos sistemas educacionais, com os novos modelos digitais que dão vida à educação a distância e suas novas abordagens didáticas.

Para Almeida, Cantuária e Goulart (2021) vale reconhecer que a comunidade docente enfrentou o desafio de dar continuidade aos processos de ensino e aprendizagem, ajustando currículos e recursos pedagógicos para reforçar as necessidades de cada aluno. No entanto, o maior desafio foi e continua sendo atender à população migrante e às comunidades indígenas que historicamente sofrem com profundas desigualdades na cobertura curricular, evidenciando o maior atraso a que essa população está relegada.

De acordo com Moreira; *et al.* (2024) embora a continuidade dos processos educacionais, tanto para alunos quanto para professores, tenha ocorrido em casa e em regime de confinamento, a situação pandêmica demonstrou que, na maioria dos casos, as habilidades digitais eram vistas apenas como um suporte nesses processos, de forma isolada e com falta de competências que as tornassem parte fundamental do desenvolvimento pedagógico.

Desde a década de 1990, elas têm sido implementadas unicamente para melhorar os resultados da aprendizagem. Desde a chegada dos computadores, da internet e dos dispositivos digitais, já se falava da necessidade de usar a tecnologia como parte dos processos educacionais cotidianos e de incorporar as TICs à educação básica, mas sem sucesso. (ALMEIDA; CANTUÁRIA; GOULART, 2021).

Portanto, Silva e Saraiva (2024) enfatizam que antes de imaginar que uma pandemia nos obrigaria a adotar o ensino a distância, já se faziam recomendações para o uso de diferentes tecnologias para responder aos processos com materiais virtuais, para abordar a formação pedagógica com a inclusão de habilidades digitais e para ajustar currículos e programas onde a tecnologia seria o principal meio para o conteúdo ensinado tradicionalmente.

De acordo com Almeida, Cantuária e Goulart (2021) se a contingência sanitária da COVID-19 obrigou todos os atores envolvidos nos processos educativos a se somarem a essas tarefas educativas no início do ano, um dos principais agentes que assumiu a maior parte dessa responsabilidade foram os pais. Por interesse e preocupação em garantir a continuidade da formação educacional de seus filhos, eles assumiram o controle da educação infantil e do ensino fundamental de suas casas, utilizando seus próprios dispositivos e celulares quando não havia computadores disponíveis em casa, na melhor das hipóteses, já que a desigualdade histórica demonstrada nas taxas de analfabetismo se tornou evidente quando se tornou claro que nem todos os pais eram cognitivamente capazes de contribuir para a aprendizagem de seus filhos.

Assim, a família, como nova agente educativa, também enfrentou um dos maiores desafios para continuar a fornecer às crianças conhecimento, que evidentemente não foi

recebido e canalizado com a mesma fluidez com que o educador o fornece em sala de aula, como campo de interação social com os pares, onde ideias e práticas fluem para reforçar o conteúdo aprendido. (MOREIRA; *et al.*, 2024).

É verdade que as instituições educacionais, como principais responsáveis pela formação educacional, têm a maior influência para garantir que essa aprendizagem transforme as construções mentais dos alunos. No entanto, como partes interessadas na sociedade, os pais fornecem *feedback* sobre o conhecimento, e a educação torna-se integral por meio das práticas de reforço destes em casa. Especialmente quando os agentes primários não são profissionais ou especialistas na transmissão de conhecimento e processos cognitivos, o conteúdo que os jovens alunos recebem não pode fluir de forma significativa, com melhores resultados e com a mesma qualidade que o fornecido pelo educador e/ou professor em sala de aula. (ALMEIDA; CANTUÁRIA; GOULART, 2021).

2.3. O Desafio da Nova Educação

De acordo com os estudos e análises feitas por Nascimento (2021) em seu artigo, embora, durante décadas, tenha havido um esforço para aprimorar o manuseio de objetos tecnológicos a serem incorporados aos processos educacionais, a verdade é que as tecnologias por si só não constituem o sucesso da educação contemporânea; elas não são a única contribuição para o desenvolvimento das novas gerações, assim:

[...] as mudanças no sentido de dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem de maneira on-line irá continuar e com isso novas metodologias serão acrescentadas tendo em vista a busca pelo ensino de qualidade. Em face a esses aspectos a aprendizagem remota tem elementos positivos os quais podem apressar o modelo híbrido de educação, por agrupar o uso da inteligência artificial à presença do educador em sala de aula. Em contrapartida, o modelo pode aumentar de maneira drástica o abismo educacional entre abastados e pobres. (NASCIMENTO; 2021, p. 17).

Segundo Moreira *et al* (2024) as novas tecnologias de informação e comunicação têm contribuído para a expansão do ensino e da aprendizagem desde sua implementação, ainda mais em tempos de confinamento devido à pandemia, o que obriga o sistema e a comunidade envolvida a buscar a aprendizagem por meio de métodos de ensino a distância, mesmo que se continue trabalhando para aprimorar esse desenvolvimento de competências que leva à busca pela qualidade nos processos e na gestão da informação.

É necessário, portanto, promover, desde as áreas de gestão da educação, a aprendizagem de novas funções avaliativas que permitam aos professores reconhecer o progresso individualizado dos alunos no âmbito das disciplinas e/ou programas a serem cursados, pois é

evidente que um dos vícios com que nasce e se inicia esta recente etapa de inclusão da tecnologia na aquisição de conhecimento é o de cumprir, fazer e entregar por um resultado numérico, em vez de por uma aprendizagem significativa, erros que surgem por não terem identificado plenamente a autogestão do conhecimento pelos alunos e a auto alfabetização digital pelos professores como contribuição para o seu trabalho de profissionalização. (NASCIMENTO, 2021).

Para Silva e Saraiva (2024) entregar tarefas e atividades tornou-se uma constante entre os alunos dos diferentes níveis educacionais, visto que a nova modalidade virtual e a adaptação do tempo de tela e videoconferências os obrigam a entregar sem reflexão, sem entrar no debate de ideias, naquelas práticas que em sala de aula enriqueceram o conhecimento, forneceram *feedback* sobre a aprendizagem e consolidaram o constructo mental, gerando alunos críticos e com maturidade intelectual para produzir e reproduzir teorias. Assim:

A interação entre estudantes e docentes é fundamental para o sucesso acadêmico. A comunicação eficaz e o *feedback* são elementos cruciais nessa relação, influenciando diretamente o engajamento e o desempenho dos alunos. A comunicação clara entre os mesmos, facilita a compreensão do conteúdo e expectativas do curso. O *feedback*, por sua vez, ajuda os alunos a entenderem seu progresso, identificarem áreas de melhoria e desenvolverem suas habilidades de forma contínua. (NASCIMENTO; *et al.*, 2021, p. 3581).

Ainda segundo Nascimento (2021) ao individualizar o conhecimento, a autogestão dessas tarefas se reduz a um mero resquício no clima de distanciamento e incerteza que enfrentam hoje. Da mesma forma, a alfabetização digital e o domínio do uso de novas ferramentas pedagógicas baseadas em tecnologias pode ser uma preocupação para os sistemas educacionais, gestores e até mesmo para o próprio Estado.

No entanto, para existir, deve ser um compromisso constante e direto da comunidade docente, que, com vocação de serviço ao setor estudantil e à própria sociedade, deve responder buscando se aproximar daqueles processos de aprendizagem autônomos e permanentes que lhes permitam atender à transmissão de conhecimento em um contexto como o que vivemos hoje, e que não há certeza de ser superado em um dado momento. (MOREIRA; *et al.*, 2024).

Se é verdade que a inserção da tecnologia está presente na vida dos indivíduos há várias décadas, criando novas gerações envolvidas com a tecnologia, com um modo de vida confortável pela segurança que a velocidade da internet deixa nos processos didáticos e de entretenimento que o mercado digital lhes proporciona, também é fato que as formas de aprendizagem nos diferentes níveis educacionais formais e informais continuam evoluindo a

passos largos e terão que ser ajustadas para se configurarem como significativas. (NASCIMENTO, 2021).

Pois é evidente que, depois de passar pela educação a distância forçada pelo medo da pandemia da Covid-19, nenhum aspecto da vida retornará ao estado em que se encontrava antes do confinamento, e os sistemas educacionais, não serão exceção, já que os novos esquemas de aprendizagem incluirão outros conhecimentos não apenas nos alunos, mas na comunidade educacional em geral: habilidade no uso de tecnologias, educação socioemocional e com ela a configuração de ideologias pedagógicas que permitam responder a situações particulares de inclusão educacional.

3 METODOLOGIA

Para conduzir a escrita deste trabalho sobre os desafios e melhores práticas em educação a distância e aprendizagem online, foi utilizada uma metodologia rigorosa e transparente para permitir a replicabilidade do estudo. No que se refere a definição dos critérios de inclusão e exclusão: para garantir a relevância e a atualidade dos estudos incluídos na revisão, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão e exclusão:

* Idioma: os artigos devem ser escritos em português, espanhol ou inglês, não sendo uma regra que existam referências com os três idiomas.

* Ano de publicação: os artigos devem ter sido publicados nos últimos cinco anos, ou seja, de 2021 a 2025.

* Tipo de estudo: os artigos devem ser pesquisas empíricas, revisões sistemáticas, metanálises ou estudos de caso relacionados à educação a distância e aprendizagem online.

* Base de dados: os artigos devem ter sido indexados no Google acadêmico, SCielo ou em outra base de dados importante.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Hoje em dia, com as possibilidades oferecidas pela tecnologia, a Educação Virtual tornou-se uma oportunidade para milhões de pessoas que, por diversas situações, não conseguem ter acesso ao ensino presencial. (MOREIRA; *et al.*, 2024). Tanto é que é muito comum encontrar programas de formação em diferentes níveis de ensino com modalidade virtual, cujo suporte fundamental é na verdade os recursos tecnológicos. (ALMEIDA; CANTUÁRIA; GOULART, 2021).

Contudo, o crescimento exponencial destes programas faz parecer que a reflexão sobre os seus apoios pedagógicos não tem os mesmos desenvolvimentos. (SILVA; SARAIVA, 2024). Arruda e Siqueira (2020) revelam uma forte tendência para a instrumentalização dos chamados ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) em que certos princípios metodológicos e de design são tomados como garantidos, mas há pouca reflexão sobre a sua formação pedagógica.

Grande parte do suporte teórico destes programas e de suas práticas, continua ancorado nas lógicas e nos modelos das pedagogias presenciais, no tempo e no espaço da instituição escolar e ainda mais centrados nos aspectos didáticos e metodológicos, desenho que, embora necessário e essencial, não pode substituir a dimensão mais profunda da pedagogia na virtualidade, pois tem a ver com questões sobre a formação dos sujeitos, a produção de identidades, a incorporação de valores e formas de se tornarem cidadãos e de se relacionarem com o mundo, com o conhecimento, com o poder e consigo mesmo no universo da chamada cultura digital e não tanto com a sua instrumentação tecnológica, que é o domínio específico da didática. (ALMEIDA; CANTUÁRIA; GOULART, 2021).

Toda essa situação não só afeta o aluno como também professores que precisam desenvolver atividades práticas em suas aulas e cursos. (MOREIRA; et al., 2024). Pensar uma pedagogia da Educação Virtual é, nessa perspectiva, questionar como o que Nascimento (2021) chama de cibercultura se projeta nos espaços e nas práticas educativas geradas na virtualidade. Ou seja, questionar as dimensões socioantropológicas e a própria subjetividade que mudam ou são modificadas no mundo das tecnologias digitais.

Compreender aquelas variáveis de natureza menos visíveis, mas mais decisivas na construção de sujeitos e identidades pode ajudar, no contexto, a aprofundar a reflexão sobre a natureza e o alcance dos fundamentos pedagógicos para a concepção de propostas educativas com metodologia virtual e enriquecer as práticas pedagógicas dos programas existentes. (ALMEIDA; CANTUÁRIA; GOULART, 2021).

A escolha de um questionamento que se centre mais na interpretação de um conceito como o da cibercultura no contexto da Educação Virtual e das suas âncoras pedagógicas é, poder-se-ia dizer, problemático em si, porque tenta descentrar a lógica da didática e da instrumentalização da ambientes de virtualização do ensino, para dar ênfase à reflexão teórica sobre o que poderia parecer uma abstração. (ARRUDA; SIQUEIRA, 2020).

O que hoje se chama cibercultura atua ou funciona exatamente como a pedagogia como dispositivo de produção cultural com tudo o que isso implica em relação ao conhecimento, a sujeitos e à cultura em geral. Contudo, essa leitura não é possível sem deslocar as noções

clássicas da pedagogia centrada nas teorias de ensino e aprendizagem. (MOREIRA; et al., 2024).

Daí a relevância da visão sócio antropológica da pedagogia e das formas contemporâneas de compreendê-la como um enorme dispositivo cultural que, antes de se relacionar com o método, se nutre de concepções de mundo e de visões de economia, moral, cultura, espiritualidade e tudo mais daqueles fatores que cada época e sociedade estabelece como seus valores e princípios norteadores. (ALMEIDA; CANTUÁRIA; GOULART, 2021).

É possível ler a cibercultura em chave pedagógica e particularmente a partir da noção de um dispositivo de regulação cultural e de produção de subjetividades que são sugestivos para reinterpretar e reposicionar a reflexão pedagógica nas atuais circunstâncias de globalização e de aparente esgotamento de questões sobre propósitos da educação, seus horizontes políticos e culturais. (ALMEIDA; CANTUÁRIA; GOULART, 2021).

Para Almeida, Cantuária e Goulart (2021) foi possível tornar visíveis as funções que ambos podem cumprir como produtores de subjetividade, de identidade, de formas específicas de comunicação, de conhecimento, de regulação cultural, de moralidade ética e política, de construção simbólica e de socialização. Como acabamos de recordar, a cibercultura é, acima de tudo, cultura.

Uma cultura que precisa de um lugar de expressão e que o encontra no ciberespaço, essa rede de redes digitais que dá origem à virtualidade. (SILVA; SARAIVA, 2024). E é neste espaço que se gera um novo modo de vida do ser digital, bem como das instituições que regulam a vida social. Tal como na cultura, os sujeitos da cibercultura comunicam-se através dela e manifestam-na reciprocamente. (Nascimento, 2021).

O conceito de “cidadania digital”, por exemplo, caracteriza toda uma série de comportamentos, experiências e estratégias que são transferidas para a esfera virtual onde são estabelecidas novas regras e convenções que regulam as atividades dos indivíduos. (MOREIRA; et al., 2024). Nesse sentido, a educação proporcionada a partir da virtualidade é exercida a partir de linguagens, códigos e símbolos que permitem que o cenário da sala de aula ou dispositivo pedagógico seja transposto e projetado nessa virtualidade. (SILVA; SARAIVA, 2024).

Ora, o sistema de virtualidade não é natural, mas sim artificial. (MOREIRA; et al., 2024). A virtualidade, como simulação de espaços, ações e lugares, pertence ao campo do simbólico e do arbitrário, portanto, a interação com esse espaço é produto da aprendizagem. (ALMEIDA; CANTUÁRIA; GOULART, 2021). Por isso, a educação virtual exige novas aprendizagens estratégicas que permitam não só o suporte pedagógico e didático que caracteriza

o trabalho docente, mas também é necessário promover a reflexão sobre a técnica e sobre todo aquele conhecimento que permite o movimento no ecossistema mediático contemporâneo. mover-se entre o espaço virtual e não virtual. (ARRUDA; SIQUEIRA, 2020).

Aqui, a reflexão sobre as funções da escrita e da leitura é essencial porque, pertencente ao plano do simbólico, a virtualidade é preeminente um lugar textual, pelo que tais operações tornam-se a forma prioritária de acesso à virtualidade. Educar é, filosoficamente, trabalhar pela interligação entre o ser humano e o mundo, construindo comunidades, ou seja, padrões de identidade e desenvolvendo inteligência. (ALMEIDA; CANTUÁRIA; GOULART, 2021). Estas são, portanto, funções pedagogizantes da cibercultura e a razão pela qual ela é proposta como de natureza reguladora e produtora de subjetividades e identidades. (DIAS, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação a distância é vista atualmente como um fator desumanizador nessa nova modalidade.

A educação cria civilização, molda consciências, municia as pessoas com conhecimento e as leva a construir e reconstruir sua realidade, mesmo antes da chegada da tecnologia. Especialmente se as condições atuais levaram a sociedade a reconfigurar o processo de ensino e aprendizagem, um dos principais desafios do sistema educacional é humanizar a distância, deixando de lado a ideia dos papéis esquematizados que as novas formas de comunicação entre professores e alunos criaram com essas novas formas de conhecer, compartilhar, aprender e avaliar.

É evidente que as novas abordagens de aprendizagem estão longe de alcançar os mesmos resultados que a aprendizagem presencial, com o espaço propício para gerar debate e reflexão que motiva o campo educacional da sala de aula. No entanto, o contexto atual obriga os sistemas educacionais e os atores envolvidos a adaptarem diferentes estilos de ensino com uma abordagem empática, ou seja, considerando as necessidades de cada aluno.

Considerando que, hoje, a aprendizagem flui individualmente, pois nem todos os alunos têm as mesmas aptidões e habilidades para dominar as ferramentas tecnológicas, com espaços adequados para interação virtual e com condições socioeconômicas que os obrigam a compartilhar a responsabilidade de contribuir financeiramente para atender às necessidades mais básicas de suas famílias.

Por isso, professores e educadores precisam desenvolver a capacidade de compreender as características particulares de cada criança, adolescente, jovem adulto e pai/mãe

interessado(a) em continuar o caminho da aprendizagem, mas que enfrenta diversas limitações, como o domínio das tecnologias e outras ferramentas, horários de trabalho que interrompem as sessões educacionais ou a qualidade da conexão, entre outras.

O verdadeiro desafio para os professores neste mundo contemporâneo é ser um facilitador e, ao mesmo tempo, um provedor eficaz de conteúdo e conhecimento que permita aos alunos refletir sobre suas próprias experiências em tempo hábil e, conseqüentemente, gerar uma aprendizagem significativa.

Por isso se faz necessário que haja a humanização dos educadores, do sistema e da sociedade em geral e não é, criminalizar a incursão da tecnologia na educação, mas sim evitar a ideia de que a educação só pode existir e se apresentar por meio da existência de ferramentas tecnológicas, circulando por diferentes dispositivos e limitando o crescimento, a criatividade e a expansão intelectual daqueles com menor acesso aos instrumentos do mundo globalizado, no que se refere à internet e à tecnologia. Se assim fosse, entender-se-ia que o processo educacional se configura por meio da manipulação de objetos tecnológicos e, portanto, o sistema educacional estaria violando um dos principais pilares sobre os quais existe e subsiste o posicionamento da educação que é humanizar. A educação a distância e a humanização na educação devem andar juntas e serem objeto transformador de uma sociedade cada vez mais diversificada, respeitando as individualidades de cada aluno.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elaine Vieira de; CANTUÁRIA, Laiane Lima dos Santos; GOULART, Joana Correa. **Os avanços tecnológicos no século XXI: desafios para os professores na sala de aula.** V. 7 n. 2 (2021): REEDUC. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/reeduc/article/view/11738>. Acesso em: 01 ago. 2025.

ARRUDA, Juliana Silva; SIQUEIRA, Liliane Maria Ramalho de Castro. **Metodologias ativas, ensino híbrido e os artefatos digitais: sala de aula em tempos de pandemia.** Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo, [S. l.], v. 3, n. 1, p. e314292, 2020. DOI: 10.47149/pemo.v3i1.4292. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/4292>. Acesso em: 04 ago. 2025.

DIAS, Erika. **A Educação, a pandemia e a sociedade do cansaço.** Ensaio: aval. (112) • Jul-Sep 2021 • Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002901120001>. Acesso em: 02 ago. 2025.

MOREIRA, Mônica de Azevedo Lima; MARANGONE, Cláudia Márcia Ferreira; SILVA, Jaqueline Martins Coleta da; LOUZADA, Márcia Cristina Matos; CÔGO, Reginalda; LIMA, Síntia de Azevedo. **Desafios e oportunidades na educação a distância: perspectivas do estudante e do docente.** Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação,

2024, 10(9), 3577–3582. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i9.15874>. Acesso em: 03 ago. 2025.

NASCIMENTO, Otacílio Marcelino do. **A Educação na pós pandemia:** desafios e legados. REVISTA FACULDADE FAMEN | REFFEN | ISSN 2675-0589, 2021, 2(1), 11–20. Disponível em: <https://doi.org/10.36470/famen.2021.r2a05>. Acesso em: 04 ago. 2025.

PARRAS, Rodrigo; MASCIA, Marcia Amador. **Efeitos da pandemia na educação escolar.** Vol. 16, N° 46, 2022. Disponível em: <https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/1007>. Acesso em: 03 ago. 2025.

SILVA, Amanda Eugenia Pereira da; SARAIVA, Piedley Macedo. **A evolução da educação a distância no brasil:** desafios, oportunidades e o papel das TICS na democratização do ensino superior. Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação, 2024, 10(9), 94–105. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i9.15480>. Acesso em: 02 ago. 2025.